

Um homem, uma mulher e um frigorífico

Mário Lúcio Sousa



PERSONAGENS

ELA (*Ama de casa revoltada, mas comedida nos gestos e nas palavras*)

ELE (*Gago, espiritualmente velho, como os solicitadores judiciais*)

CENÁRIO: *Uma casa modesta, um biombo faz a divisória.*

ACTO ÚNICO

*(ELE sai ao som de uma música tradicional antiga e mexida. ELA pára bruscamente a música e arremessa um avental para a cena. Muda a música para “Ombra leggiera (shadow song)”, de Meyerbeer (5’47) cantada por Maria Callas (a partir de 3’30), e atira os sapatos, aos que seguem **in crescendo** outras peças íntimas, até que com o final apareça uma mão elegante e provocadora a pendurar os soutiens no biombo, e ELE bate à porta. Bate repetidas vezes. ELE entra no silêncio com um molho de chaves e, atrás, dois homens que colocam um frigorífico em cena e saem. ELA entra esbelta em cena).*

(Diálogo frenético)

ELA: O que é isso?

ELE: Um frigorífico.

ELA: Estou a ver: mas o que é?

ELE: Um frigorífico.

ELA: Sim, estou a ver que é um frigorífico, mas o que vem a ser isso?

ELE: Uma geleira, uma geladeira, uma coisa fria, gélida, frígida, gelada.

ELA: Certo, mas o que vem a ser tudo isso?

ELE: Ah!, é a tua prenda pelos 25 anos de casada.

ELA: Oh!, surpresa. (*Expectante*) O que é que deve estar lá dentro, meu Deus? (*Tenta adivinhar*). Não consigo. Diz-me o que é.

ELE: É um frigorífico.

ELA: Não, lá dentro: que foi que meteste lá dentro? Não me massacres, querido.

ELE: Nada, a prenda é o frigorífico.

ELA: Não. Tu nem hábito de brincar tens. Diz lá, o que é que está lá dentro?

ELE: Nada.

ELA: Nada como?

ELE: Nada.

ELA: Nada?

ELE: Nada.

ELA: Tem

ELE: Não tem. É só...

ELA:...uma geleira

ELE: Uma geleira. Uma boa geleira: congela tudo, refresca tudo, conserva tudo, esfria tudo, guarda tudo.

ELA: Congela salários?

ELE: Não:

ELA: Refresca a memória?

ELE: Não.

ELA: Conserva o matrimónio?

ELE: Não.

ELA: Fria os ânimos?

ELE: Não

ELA: Guarda rancores?

ELE: Não

ELA: Então, como é que completamos 25 anos de casados e o senhor meu marido oferece-me uma geleira, e logo diz-me que não traz nada dentro.

ELE (*Desolado*): Definitivamente, o mundo virou demasiado materialista para mim. Só que eu nunca tinha percebido que a senhora...

ELA: Pssst...

ELE:...Desculpa, que tu, querida, também te deixaste contagiar pelo materialismo do mundo moderno.

ELA: Materialismo? É exactamente o contrário: Se eu fosse materialista estaria aqui a reclamar por um carro, um apartamento, vestidos, sapatos, mas não, quero precisamente algo simbólico: Diz-me o que é que um frigorífico tem de simbólico?

ELE (*Pensativo e resignado*): Nada. Talvez a porta. A porta é sempre algo simbólico: Bem que eu poderia ter-te oferecido uma porta.

ELA: Não importa. Geleira é que não. (*choramingando em tom recital*): Um anel, meu mel, uma pulseira de feira, mesmo de barro, nada de caro, meu caro, uma rosa para a sua gostosa, como está na moda dizer-se, qualquer coisa, mas...

ELE: Electrodoméstico não.

ELA: Não. Podia até ser um secador de cabelo, um vibrador eléctrico...

ELE (*chocado*): Senhora!

ELA (*Exaltada, mas com pose*): Não me chama de *senhora*. Sim, somos domésticas, mas não somos de ferro. São bodas de prata.

ELE: Olha só a futilidade da vida: Olha a que ponto já chegamos só por causa de um frigorífico.

ELA: Não é só por causa de um frigorífico. A questão é como é que chegamos a esse ponto? Isto é, de se oferecer a alguém um frigorífico como prenda de casamento.

ELE: Mas, a intenção pode também ser simbólica.

(*Ouve-se um miar*)

ELA (*Apontando para o frigorífico, primeiro espantada e depois feliz*) Gato, ali há gato.

ELE: É do vizinho.

ELA: Ah, eu sabia. (*Vai lá dentro pôr a música*) Vem cá, abraça-me. Vamos celebrar. (*Dançam com ternura enquanto dialogam lentamente*).

Eu sabia. Sabia que era uma grande brincadeira, que pelo menos hoje havias de me surpreender. E confesso-te que me surpreendeste.

ELE: Obrigado amor. Claro que o fiz para te surpreender.

ELA: Podes mesmo dizer que fiquei gelada.

(*Ouve-se outro miar. Separam-se e ficam em silêncio. Ouvem Miau de novo. ELA está ansiosa*)

ELA: Ai que querido. Vá lá meu gato: saca o bicho cá para fora? (*com gesto de carregar o gato*).

ELE: É o gato do vizinho, querida. É aquele gorducho daquela gorducha.

(*ELA fica impávida e desiludida*)

ELA: Então, é o gato que é do vizinho e não a geleira? Então não pediste a geleira emprestada à vizinha só para me trazeres de surpresa um gato?

ELE: Não entendo.

ELA: Um gato. Pois, agora digo-te: (*chateada, faz-se de sedutora*) é mesmo de um gato que eu preciso, (*antecipa as palavras com mímicas*) um gato atlético e charmoso, em vez de um gago caquético e mal cheiroso.

ELE: Gato?

ELA: Sim, gato: (*Na cara dele, com o focinho levantado*) miau, chaninha, feliz.

ELE: Tu sabes que eu sou alérgico a pêlos de gatos.

ELA: Eu sou alérgica a comida congelada, e os gatos também não gostam, e além disso...

ELE: Não diga o resto, por favor.

ELA: Digo sim, e além disso, eu...

ELE (*Admoesta-a*): Senhora.

ELA (*Decidida*): Digo sim. É hoje que vais ouvir porque nunca me deixas falar quando vens com os teus sermões de lealdade e de fidelidade.

ELE: Eu sempre te fui fiel.

ELA: Não. Sempre foste fiel a ti. Eu é que nunca fui fiel a mim.

ELE: Como? Tu nunca foste fiel?

ELA: Comigo. Porque sempre fui leal contigo.

ELE (*Atordado, limpa a garganta*): Hm, hm.

ELA: Porque a lealdade é sempre para com os outros, a fidelidade é para com a nossa própria pessoa.

ELE: E então, quer dizer que...

ELA: Que uma mulher é leal.

ELE: Mas não é fiel:

ELA: Não. Nós vivemos de fantasias. Uma mulher pode deitar uma vida inteira com um único homem, e sonhar a vida inteira com outro colado no tecto. Mas, não o trai. Isto é lealdade.

ELE (*Reivindicando*) E nós?

ELA (*Admirativa*): Nhós? Ha, ha. Vão com a primeira que aparece no tecto. E isso é fidelidade, porque vocês obedecem ao vosso chamamento. É vossa natureza. Por isso traem e quem trai não é leal.

ELE: Mas pelo menos é fiel. A mulher não trai, mas na sua cabeça mora toda a infidelidade do mundo.

ELA (*Sentencia, com ar de Cristo na cruz*): Acertou, doutor. A diferença entre um homem e uma mulher é que a mulher nunca é fiel, mas é sempre leal. O homem é sempre fiel, mas nunca é leal.

ELE (*Repreende-a*): Senhora

(*ELA atira-o ao chão: Cena de fetiche, em que ELA é uma dominadora sexual: ELE faz de animal.*)

ELA (*De dedo em riste para cima d'ELE*): Repete: Se (*pronunciada como primeira sílaba de Senhora*)... quê?

ELE (*Exagerando na gaguez*) Se... eu não te amasse.

ELA: Repete: Se... quê?

ELE: Siamês

ELA: (*Extasiada*) Ah. Isso sim. Quero que me fales de gatos.

ELE: Sim, os gatos são uns felinos que miam.

ELA: Mia.

ELE: O quê?

ELA: Mia

(ELE executa a posteriori gestos correspondentes aos verbos)

ELE: Miau miau.

ELA: E que mais fazem os gatos?

ELE: Arranham.

ELA: Então arranha.

(ELE executa)

ELE: Cheiram.

ELA: Então cheira.

(idem)

ELE: Lambe.

ELA: Então...

ELE: (*Arrebata a palavra*) Ronronam (*E começa a rressonar*)

(ELA fica estupefacta, e cai em si como se tivesse recuperado a memória, e tenta disfarçar a situação)

ELA: (*Muito académica*) Sabe o senhor meu marido porque é que as vacas ficaram loucas? Ou melhor, porque é que as vacas só não ficam loucas na Índia?

ELE: (*De joelhos, a levantar-se*) Porque os deuses não enlouquecem?

ELA: Não fala assim de Deus.

ELE: Então, como hei de falar, meu Deus? Como um louco? Nunca.

ELA: Nunca: Nunca ficarão loucas as vacas porque nunca encontra carne de vaca no frigorífico na Índia. Elas são cremadas, sabia?

ELE: Por favor, não volta com a mesma cantiga do frigorífico.

(Vão os dois para a cozinha. Num canto, de costas, cada um apanha um avental: Viram-se e estão frente a frente como num duelo de pistoleiros ELE estende o avental como um toureiro): É para ti, querida. Teu ajudante sou. E até cozinhava por ti hoje, se soubesse.

ELA *(Tem o mesmo gesto):* É para ti querido. Cozinhar toda a gente sabe. O hábito é que faz saberes.

ELE: O monge.

ELA: Que monge?

ELE: O ditado diz: O hábito é que faz o monge.

ELA: Então, põe o avental senhor meu marido, e faz o manjar.

(ELE vai receber o avental como numa cerimónia de coroação, logo dirige-se para a cozinha com a solenidade e o susto de quem vai ocupar um trono. ELA senta-se submissa. E cada um entra no seu monólogo, criando dois mundos absurdos distantes. Ignoram completamente um ao outro)

ELE: Nunca fiz um manjar em vinte e cinco anitos.

ELA: Vinte e cinco anos a mijar na tampa da sanita...

ELE: *(Cantarola pensativo, olhando pela janela da cozinha que dá para o jardim, ao mesmo tempo que prepara os ingredientes para a comida):* Borboleta do jardim...

ELA: Com a faca ali na gaveta, à mão. Não: corta o bolo com a colher.

ELE: É. O Gás, o carvão, o petróleo, e depois falam do aquecimento global.

ELA: Estendo a cama, bonitinha, e é nesse momento que ELE se lembra de cortar as unhas, e vem com o rabo e pof! na ponta da cama.

ELE: Guernica. O Picasso é que soube dizer as coisas. Estamos a gritar para o céu e ninguém nos ouve.

ELA: E finge que não ouve: Digo-lhe: Não pendure a camisa na janela porque vinca. E ELE acha ali o melhor sítio para deixar as suas camisas

ELE: De Vénus: Sobretudo de Vénus. Vénus é um planeta gasoso. E a Terra está a tornar-se um planeta em que o que mais se produz é gás.

ELA: É verdade. E depois de Vinte e cinco anos de casado, a questão agora é o gás. Creiam-me: Há Vinte e cinco anos atrás, ELE não deixava escapar um peido. Era discreto. Agora é: pum para cá, pum para lá. Não há poesia, só rotina.

ELE: Efeito de estufa. Já não sabemos quantos homens o homem mata por dia para ELE viver mais um dia.

ELA: Nem mais um dia. E depois ELE acha que essas coisas são sem importância.

ELE: Isto é perverso. A vida de um homem não pode valer mais do que a vida de um homem.

ELA: Homens, homens. *(E grita para o marido):* Olha, e por falar de frigorífico...

ELE: Não, não, não.

ELA: Sim, sim, sim. Já não protesto por mim, protesto pelo Planeta. Essa coisa ali é um dos maiores inimigos da camada de ozono. Tu mesmo mo disseste.

(ELE vem com a comida pronta)

ELE: É verdade. *(Servem a comida num embaraçoso silêncio. Estão frente a frente a comer).* Olha, então não vamos ligar o frigorífico.

ELA: Para que queremos uma geleira desligada em casa?

ELE: É um presente:

ELA: É passado.

ELE: É o futuro que está em causa.

ELA: Causa? Querido, vamos ser civilizados. Espera um momento.

(ELA vai atrás do biombo, despe a roupa clássica e regressa vestida de forma vulgar).

ELE: Por causa de quê, querida, foste mudar de roupa? Estavas uma preciosidade.

ELA *(Enérgica):* Causa, querido. Greve de roupa. Não mudo enquanto estiveres mudo. E sou surda enquanto não me disseres qual é a surpresa.

ELE: Que surpresa?

ELA: A geleira.

ELE *(Desesperado):* Mas, não há surpresa nenhuma. Amor, é só um frigo...

(ELA, repentina, tapa-lhe a boca. Depois, boba de meiguice, como se falasse com um bebé)

ELA: Ri...ri *(pega o marido nas duas bochechas e arreganha-os)* ri.

ELE: É só um frigo...

ELA: ...Ri...

ELE: ...Fico...

ELA: Calado? Vais ficar calado? Então eu fico muda.

(Comem rapidamente em silêncio, recolhem a louça, e vão fazer a sesta. Ouve-se o marido a rressonar. ELA aparece pé ante pé e dirige-se ao frigorífico. Está contente e intrigada, como quem vai à procura de um tesouro. Examina o objecto. E à medida que avança denota-se a sua frustração).

Será isso possível? É mesmo só uma geleira? Que argumentos justificam isso? *(imita a pose de ELE solicitador judicial do marido)* “Água fria”. *(retoma a sua pose de ELA frustrada)* Será isso mais importante que um beijo quente, meu Deus? *(imita ELE)* “Para que a comida não estrague”: *(imita ELA)* Será o alimento do corpo mais importante do que o da alma, meu Deus? *(imita ELE)* “É um móvel bonito”. *(imita ELA)* Será um móvel bonito mais prezado que um belo motivo? *(imita ELE)* “Conservam as hortaliças, o leite, as frutas”. *(imita ELA)* Então como é que os egípcios faziam. Serão as pirâmides monstruosos frigoríficos e ninguém sabe disso, meu Deus? Ou é só porque acende uma luzinha? Então porque não ofereceu um pirilampo? Faz gelatina, que é bom para os ossos. Está certo. Mas, só por isso, meu Deus? Só por causa dos ossos. O amor, a ternura, o carinho, a gratidão, a compaixão, tudo isso agora se resume a uma questão de ossos, meu Deus? *(fala com o frigorífico)* Ou é porque és pesado e branco? Ah, ah. É pesado e branco. *(Calma. Mostra-se constrangida com o mau juízo. Tenta ser conscienciosa e arrependida.)* Não vou pensar mal. Talvez ELE tenha querido dar-me um elefante branco. *(Terna de louca, faz como quem acalanta um nené)* Oh, oh, meu querido maridinho. Quis dar um Elefante branco à sua senhora. Mas, os elefantes branco não existem, como não há unicórnios, esses cavalinhos que têm um chifre no meio da testa, como tampouco existem os Pégaso, aqueles cavalos que voam. Talvez por isso mesmo deu-me uma geleira. Mas que besta frívola.

(Vai à cozinha e busca qualquer coisa enquanto monologa. Loucura eminente. Dialoga com o próprio corpo)

Mas, pára. E eu? Eu aqui a julgar o outro, mas que foi que lhe ofereci? Nem um gelado, nem uma fresquinha, nem um mixuruco sorvete. Pelo menos, ELE quis dar-me um elefante branco. E eu? Nada. Podia também dar-lhe algo simbólico: uma sereia, por exemplo. Sereia tem mamas e, portanto, tem leite nas mamas, e portanto, conserva o leite sem precisar de geleira. Mas será que o senhor meu marido vai gostar duma mulher que não tem pernas para abrir. Não. A outra prenda simbólica podia ser um hipocampo, um cavalo-marinho, esse lindo moço: Mas eu não gosto, ele não tem vergalho. É um sem-vergonha, só elegância, não tem aquela coisa portentosa dos cavalos, sobretudo dos nossos cavalos cá da terra, magros, magrinhos, mas... parece que tudo o que comem vão parar ao tal coiso.

(Apanha uma faca enorme)

Não: vou oferecer-lhe uma orca, uma baleia, um cachalote, para esfolarmos, lanharmos lasca a lasca, como no Alasca, e enchermos o frigorífico, *(eufórica)* magnífico.

(O grito acorda o marido, que aparece de pijama, touca, pantufas, leque e tapa-olhos, e surpreende a mulher, que esconde a faca atrás das costas)

ELE: Magnífico o quê?

ELA *(Atrapalhada e sorridente):* Hm, o frigorífico.

ELE: Ah que bom. Viste? Conclusão: Compreendeste o frigorífico, não foi?

ELA: Sim, o frigorífico é um tema, digamos, uma matéria, um paradigma compreensível na dinâmica quântica da comunicação, e depois, politicamente, nem aquece nem arrefece.

ELE: Bravo. Frigorificamente bem. E tens uma surpresa para mim.

ELA: Eu?

ELE: Sim, o que tens escondido?

ELA: Ah, flores.

ELE (*Acanhado*) Ah, flores. Obrigado amor. Eu me esqueci de flores. Flores, sim. (*emocionado, aproxima-se, mas a mulher tenta fugir, ELE gira à volta dela à medida em que ELA faz o mesmo, escondendo sempre a faca*) Não fuge. Agora que compreendeste o frigorífico, abraça-me: vamos quebrar esse gelo. (*vai e abraça-a. ELA deixa cair a faca, e abraça-o*) O que é isso?

ELA: Um abraço. Já te tinhas esquecido dos meus abraços?

(*ELE afasta-a, mas ELA esconde as mãos atrás das costas logo que é solta*)

ELE: Não. O que é isso ali no chão?

ELA: Ah, uma faca, faca, para lanhar orcas, baleias, cachalotes lasca a lasca, como no...?

ELE (*Intrigado*): Como no...?!

ELA (*Tenta lembrar*): Como no...

ELE: Como no... O que é que tu comes nu?

ELA: Como no Alasca.

ELE: Então e as flores que tu tens atrás das costas?

ELA: Ah, as flores? Agora és tu que as tens atrás das costas. Eu deixei-as lá.

ELE: Eu? Não sinto. Então vou ver ao espelho.

(*O marido vai atrás do biombo, enquanto ELA empunha a faca e mostra a intenção de ir atacar o marido por trás. ELE em off*): Não vejo as flores nas minhas costas, querida.

ELA (*Espantada, detém-se*): As flores nas costas não são para serem vistas. (*E tenta avançar*)

ELE (*off*): Então para que servem?

ELA (*Detém-se*): Para os outros verem. As flores servem para isso: Para as outras pessoas verem que nós recebemos flores. (*avança*): E nas costas ficam melhor.

ELE (*Off*): Porra? Mas onde estão? Os espelhos não vêm flores?

ELA: Bravo. Progresso: por primeira vez em Vinte e cinco anos ouço-te mandar porra. Mas, porra: Ofereço-te flores e tu não as vês.

(*ELA avança decididamente com a faca ao alto pronta a matar, mas encontra-se com o marido a sair. O marido, entretanto, a tentar descobrir as flores nas costas, não repara que a mulher tem uma faca suspensa por cima dele como uma espada de Dámocles. ELA fica petrificada*)

ELE (*Apercebendo-se do gesto, mas não da faca*): Queres abraçar-me? Abraça-me.

ELA (*Abraça-o*): Sente agora as flores nas tuas costas?

ELE: Rosas?

ELA: Sim.

ELE: Sinto os espinhos.

ELA: Vês? Agora posso ir me deitar? E ter os tais sonhos cor-de-rosa com que sempre sonhei. Não deixa os espinhos virem, pois não quero sonhos feridos. *(sai)*

ELE *(apalpa-se, fica pensativo, e vai ter com o frigorífico):* Frigorífico meu, frigorífico meu, diz-me: há marido melhor do que eu?

(Escurece)

Flores? Onde estão as flores? Se não estou a ver as flores, pelo menos devia senti-las. Quer dizer que tenho flores nas costas e não sinto. Fiquei assim tão insensível? É verdade que eu podia tê-la convidado para irmos jantar fora. Esqueci-me. Falta de hábito. Mas, pobre, embirrou-se de tal modo com a pobre da geleira que quase me enlouquece. Até parece que o que eu trouxe para casa foi uma bomba. São vinte e cinco anos a tentar que ELA seja eu, que eu seja ELA. É normal que já não consigamos destrinçar uma flor de um frigorífico. E se eu tivesse dito que o frigorífico era para conservar as flores, a montanha de flores que penso dar-lhe pelos cinquenta anos de casado? Uma floresta inteira. Mas, e a floresta? A floresta é uma das vítimas do frigorífico. Ela tem razão: A besta do frigorífico está a dar cabo do Planeta. Frio por dentro quente por fora, isso é coisa do diabo. Frio que dá cabo do frio. Até o gelo está a derreter nos pólos. E quantos frigoríficos serão necessários para fabricar gelo, gelo, gelo até encher de novo o polo derretido? *(desnortado e mais gago)* A calota polar, digo, a capota lunar, ou seja, a cató... a carótida poluída, a aorta capilar, o calote lupanar, alias, a coluna vertebral do Planeta... *(repentino)*, a faca, a faca, vou matar essa besta. Frigorífico de merda. Vou-te lascar, lasca a lasca como no Alasca. Vou-te esfaquear, fuck you , fuck you, como no Faquistão, faquistão? a faca, a faca *(procura desenfundada)*, a faca, a faca, a faca. *(para repentinamente, e vem-lhe à cabeça a cena da mulher com a faca. Aponta para o biombo e grita):* A vaca, a vaca.

ELA *(Off):* A vaca?

ELE*(Perdido):* A vaca, sim, a vaca.

ELA: Espera que já vou com a faca.

(ELE encontra na cozinha uma outra faca e fica contente. Dirige-se para o frigorífico e explica que vai se esconder lá dentro e que, quando a mulher viesse procurá-lo, ELE sairia de surpresa e espetar-lhe-ia a faca no estômago)

ELE: Querida, vem rápido com a faca para a vaca não me comer as flores que tenho nas costas.

ELA: Aqui não há vaca sagrada, querido.

ELE: Sim. *(Exibe a faca e pronuncia convicto e macabro)* só faca sangrada, querida. *(ELE entra no frigorífico. ELA entra em cena como um karateca. Grita: kiai, pronta para surpreender o marido e matá-lo, mas acerta no vazio. Começa a procurar o marido, ao mesmo tempo que protege a retaguarda, agora ciente de que o marido armou-lhe uma trampa. Procura por todos os lados. Faz barulho para ver sair o marido, mas, nada. ELE Dentro do frigorífico):* Miau miau.

ELA: Miau, miau?

ELE: Miau miau.

ELA: Eu não estou doida. Eu sabia que ali dentro havia gato.

ELE (Off): É do vizinho.

ELA (Analítica): Do vizinho? Então, o gato do meu vizinho é meu vizinho. Espera aí: Só que como o meu vizinho não tem gatos, o gato do meu vizinho não é meu vizinho, ou seja, o vizinho do meu gato não é meu vizinho, o que quer dizer no teorema que o vizinho gato não é gato vizinho e, por consequência, se Pitágoras tinha razão, gato do vizinho não é gato do vizinho mas sim gato meu vizinho gato.

ELE: Miau miau *(agora como dizendo: tens razão)*

(ELA fica meditando, à medida que vai desistindo do acto de matar para assumir uma postura de quem, de repente, recuperou o juízo. Atira a faca para o lado, volta para trás do biombo e regressa toda engalanada. Com ar protocolar, com as mãos escondidas atrás das costas, dirige-se ao frigorífico e coloca-se de lado, faz uma vénia e abre a porta, como quem recebe uma realeza. ELE sai disparado com a faca na mão para matar a mulher, mas não encontra nada à frente, e vai por inércia estatelar-se no chão. A mulher coloca uma luva branca, com toda a cerimónia e vai levantá-lo)

ELA (Ativa e profunda): Sabe o senhor meu marido qual é a diferença entre um Tiranossauro Rex e um telemóvel?

ELE (Infantil): O polegar.

ELA: Exactamente, o polegar, porque...

ELE: Porque o polegar...

ELA: Exactamente. Porque o polegar.

ELE: Sim. Porque.

ELA: Porque, sim.

ELE: E se Camões tivesse dois olhos?

ELA: Tinha dois olhos o Camões, não teria?

(E começam a deambular pela casa, meigos e moribundos)

ELA: Porque os olhos são como... como quê?

ELE: Como quê?

ELA: Como... Diz lá qualquer coisa que sempre se tem dois, mesmo que se perca um.

ELE: Como os olhos, por exemplo.

ELA: Exactamente, já me tinha esquecido, como os olhos.

ELE: Olhos d'água. Cântaros. Eu sei cantar, sabes? Mas tens que dançar como a geleira.

ELA (*Às gargalhadas*): Eu?

ELE: Sim.

ELA: Mas o frigorífico não sabe dançar.

ELE: Aprende. A geleira que tu compraste quando nos casamos...

ELA: Não. O frigorífico eu não comprei, tu é que mo deste quando fizemos Vinte e cinco anos de casado. Lembras-te?

(ELA agarra o marido pela mão e vão sentar-se no chão)

ELE: Não. Então, vamo-nos casar?

ELA: Sim, com vestido de noiva, comida, muita gente, foguetes e flores.

ELE: Flores não. As flores depois criam escamas nas costas e saem flash para a fotografia que é um baptismo de sabichões, quadrados e muitas notas de dinheiro, dessas notas que tem doutor Baltazar Lopes, que desde o início disse que os poemas para os frigoríficos são frios.

ELA: Filhos, sim, como gasolina na mão. Mas, não temos sapatos. Como vamos ter filhos sem sapatos? Então, vamos ter filhos.

ELE: Agora?

ELA: Sim, para pentear, banhar. A minha mãe não teve filhos nem filha.

(ELE tira a roupa, prepara-se para o acto sexual. A mulher abre as pernas e coloca a mão no queixo. ELE coloca-se frente à mulher como um gato e fica a espiar-lhe o meio das pernas. Ficam impávidos e inocentes nessa posição por um longo tempo. ELA levanta-se e começa a ninar uma cria e resmunga parte da música cantada por Maria Callas. ELE vai de novo fechar-se dentro do frigorífico. ELA vai para trás do biombo. O frigorífico é retirado de cena.)

FLASH BACK

ELE bate à porta. Bate repetidas vezes. ELA entra esbelta e vestida igual à como pela primeira vez apareceu em cena, e abre a porta. ELE está igual a como pela primeira vez apareceu em cena, mas tem as mãos escondidas atrás das costas).

ELA (*Sóbria e meiga*): E as chaves?

ELE: Oh, estás linda. Chaves? Em vinte e cinco anos de casado eu nunca sai com as chaves.

ELA (*Atordoada*): E o que é que escondes atrás das costas?

(ELE dá um passo em frente, misterioso. E ELA recua)

ELE: Adivinha.

ELA: Flores? Ah, flores não, desculpa.

ELE: Flores sim. São para ti.

ELA (*Surpreendida e boquiaberta*): Ah!

ELE: Que achas tu que poderia passar pela cabeça de um homem num dia como hoje?

(Silêncio)

ELA (*Aliviada e feliz*): Não sei. Mas, não queiras tu saber o que pode passar pela cabeça de uma mulher num dia como hoje.

(Abraçam-se)

FIM